

Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Erechim

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA / DIRECCIÓN POSTAL / MAILING ADDRESS

Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Erechim
Gavagai – Revista Interdisciplinar de Humanidades
ERS 135 - Km 72, 200, Caixa Postal 764,
Erechim – RS
CEP 99700-970

E-mail: gavagai@gavagai.com.br

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Gavagai: Revista Interdisciplinar de Humanidades/Universidade Federal da Fronteira Sul
- Campus Erechim. - vol. 4, n. 1 (jan./ jun. 2017). - Erechim: [s.n.], 2017.

Semestral

1. Periódico. 2. Interdisciplinar. 3. Ciências Humanas. 4. Humanidades.

I. Universidade Federal da Fronteira Sul.

II. Título.

CDD: 300

Bibliotecária responsável: Tania Rokohl – CRB10/2171

GAVAGAI - REVISTA INTERDISCIPLINAR DE HUMANIDADES

Erechim, v. 3, n. 1, jan./jun. 2016

ISSN: 2358-0666

GAVAGAI

ERECHIM

v.4, n.1, jan./jun. 2017

ISSN: 2358-0666

Dossiê

**MOVIMENTOS SOCIAIS, SOCIABILIDADES EMERGENTES E
ANTICAPITALISMO**

**Cassio Brancaleone
Rodrigo Chaves de Mello**
(organizadores)

EDITOR-CHEFE / *EDITOR JEFE* / EDITOR-IN-CHIEF

Jerzy Brzozowski - Universidade Federal da Fronteira Sul,
campus Erechim (UFFS)

EDITORES EXECUTIVOS / *EDITORES EJECUTIVOS* /
EXECUTIVE EDITORS

Atilio Butturi Junior - Universidade Federal de Santa Catarina,
campus Florianópolis (UFSC)

Cassio Brancaleone - Universidade Federal da Fronteira Sul,
campus Erechim (UFFS)

Fábio Francisco Feltrin de Souza - Universidade Federal da
Fronteira Sul, campus Erechim (UFFS)

Fabiola Stolf Brzozowski – Universidade Regional Integrada do
Alto Uruguai e das Missões, campus Erechim (URI)

Armando Chaguaceda • Universidad Veracruzana (México) | **Bianca Salazar Guizzo** • Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) | **Carla Soares** • Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ) | **Daniela Marzola Fialho** • Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) | **Décio Rigatti** • Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)/ UNIRITTER | **Durval Muniz Albuquerque Junior** • Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) | **Eliana de Barros Monteiro** • Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) | **Elio Trusian** • Università Degli Studi Di Roma La Sapienza (Itália) | **Fábio Luis Lopes da Silva** • Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) | **Felipe S. Karasek** • Instituto de Desenvolvimento Cultural (IDC) | **Fernanda Rebelo** • Universidade Federal da Bahia (UFBA) | **Gizele Zanotto** • Universidade de Passo Fundo (UPF) | **José Alves de Freitas Neto** • Universidade de Campinas (UNICAMP) | **Kanavillil Rajagopalan** • Universidade de Campinas (UNICAMP) | **Margareth Rago** • Universidade de Campinas (UNICAMP) | **Maria Antonia de Souza** • Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) / Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) | **Maria Bernadete Ramos Flores** • Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) | **Natália Pietra Méndez** • Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) | **Nelson G. Gomes** • Universidade de Brasília (UnB) | **Patrícia Graciela da Rocha** • Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) | **Patricia Moura Pinho** • Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) | **Paula Corrêa Henning** • Universidade Federal do Rio Grande (FURG) | **Pedro de Souza** • Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) | **Rafael José dos Santos** • Universidade de Caxias do Sul (UCS) | **Rafael Werner Lopes** • Instituto de Desenvolvimento Cultural (IDC) | **Raul Antelo** • Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) | **Ricardo André Martins** • Universidade Estadual do Centro • Oeste (UNICENTRO) | **Roberto Machado** • Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) | **Rodrigo Santos de Oliveira** • Universidade Federal do Rio Grande (FURG) | **Rosângela Pedralli** • Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) | **Suzana G. Albornoz** • Universidade Federal do Rio Grande (FURG) | **Viviane Castro Camozzato** • Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS)

DIAGRAMAÇÃO E CAPA / DIAGRAMACIÓN Y TAPA / LAYOUT AND COVER

Jerzy Brzozowski

Capa: Banksy, *Destroy Capitalism*

REVISÃO / REVISIÓN / REVISION

Cassio Brancalone

Jerzy Brzozowski

SUMÁRIO / ÍNDICE / CONTENTS

APRESENTAÇÃO: DOSSIÊ MOVIMENTOS SOCIAIS, SOCIABILIDADES EMERGENTES E ANTICAPITALISMO	10
Cassio Brancaleone Rodrigo Chaves de Mello	
AUTONOMIA COMO FUNDAMENTO DA DEMOCRATIZAÇÃO DA DEMOCRACIA: ALGUMAS FERRAMENTAS TEÓRICAS DO SPINOZISMO	15
Thais Florencio de Aguiar	
MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS E A DEMOCRACIA PARA ALÉM DO ESTADO: HIPÓTESES PARA O DEBATE	41
Cassio Brancaleone Rodrigo Chaves de Mello	
MATRIZ ABISSAL E LUTAS DOS MOVIMENTOS INDÍGENAS NA AMÉRICA LATINA/ABYA YALA	69
Maurício Hashizume	
CANTÕES CURDOS E CARACÓIS ZAPATISTAS: AUTONOMIAS HOJE	100
Ana Paula Massadar Morel	
UMA CONSTELAÇÃO DE RELAÇÕES ANTICAPITALISTAS NO SUL DO BRASIL: REDES POLÍTICAS E SOCIABILIDADES EMERGENTES LIDAS DESDE UMA ANTROPOLOGIA ANARQUISTA	113
Daniel Francisco de Bem	

CONSTITUIÇÃO E TENDÊNCIAS DO SUJEITO REVOLUCIONÁRIO: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ESPECULAR FETICHISTA ENTRE ANARQUISTAS E COMUNISTAS NAS JORNADAS DE JUNHO Lara Sartorio Gonçalves	157
CONFLITOS E PONTES INTERGERACIONAIS NAS RESISTÊNCIAS FEMINISTAS AUTONOMISTAS TRANSLOCAIS LATINOAMERICANAS Laura França Martello	181
EL MOVIMIENTO DE TRABAJADORES DESOCUPADOS DE BAHIA BLANCA (ARGENTINA) EN EL PERÍODO 1995-2003: UN ABORDAJE DESDE SUS SIGNIFICANTES SOCIO-POLÍTICOS Pablo Ariel Becher Pablo Ariel Becher	209
ATIVISMO IDENTITÁRIO E O CAPITAL SUBALTERNO Paulo Edgar R. Resende Pablo Ornelas Rosa	245

APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ MOVIMENTOS SOCIAIS, SOCIABILIDADES EMERGENTES E ANTICAPITALISMO

Esta edição da revista Gavagai, do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFFS, apresenta o dossiê temático “Movimentos Sociais, Sociabilidades Emergentes e Anticapitalismo”. A modesta compilação de artigos reunidos neste número pretende estimular a discussão e a reflexão sobre movimentos e lutas sociais contemporâneos em uma perspectiva antissistêmica, a partir de distintas abordagens teóricas e recortes empíricos. Evocar o antissistêmico significa, nos dias de hoje, atualizar uma certa premissa epistemológica ciente da necessidade de problematizar e assumir as fronteiras e intersecções entre os processos de produção de conhecimento e as dimensões normativas que atravessam qualquer discurso sobre a realidade, inclusive o científico, implicando em uma atitude cognitiva que reluta em tratar de maneira sanitária as imbricações entre episteme, ética e política. Tal atitude, inclusive, não se restringe apenas aos domínios dos chamados saberes engajados e investigações militantes, embora nesse território discursivo se encontra maior eco e receptividade, por razões óbvias.

Em um plano analítico global, o antissistêmico como chave de leitura para enfatizar a conjugação das dimensões de *ruptura* com dinâmicas de reprodução de determinadas relações de poder e dominação, e da *prefiguração* de novas realidades sociais nos remete, no caso das sociedades contemporâneas, ao **anticapitalismo** como uma vasta e heterogênea tradição que possui raízes tanto no universo de muitas lutas sociais dos de baixo, quanto no repertório do chamado campo intelectual crítico moderno. De acordo com o esforço de sistematização conceitual do Grupo de Trabalho Anticapitalismos e Sociabilidades Emergentes (ACySE), do Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais (CLACSO), o anticapitalismo pode ser entendido em um duplo aspecto, ou em dois planos (interrelacionados ou não): em uma plano, como *intencionalidade dos agentes* (projeto e cosmovisão), em outro, como *configurações sociais singulares* que empiricamente manifestam potencialidade

desmercantilizadora ou obstacularizam determinadas dinâmicas de reprodução da sociabilidade capitalista e estatal. Este mesmo conceito, para o coletivo ACySE, é operacionalizado também através da noção de **sociabilidades emergentes**, noção que busca justamente assinalar a manifestação de um conjunto de representações e práticas sociais baseadas na cooperação, na horizontalidade, no apoio mútuo e no protagonismo, em suma, nas distintas configurações da realização de horizontes de autonomia (próximo ao sentido conferido ao termo por Castoriadis), substrato da prefiguração de realidades sociais alternativas.

Independente do uso das terminologias promovidas pelo coletivo ACySE que inspiram a organização desse dossiê, podemos destacar que o conjunto de textos que constituem essa compilação enriquecem e complexificam o debate no âmbito da perspectiva antissistêmica aqui esboçada. A maioria dos artigos, inclusive, foram objetos de intensa e frutífera discussão em espaços coletivos promovidos por integrantes do capítulo Brasil do coletivo ACySE (caso dos organizadores da presente publicação, também membros de um grupo de pesquisas homônimo sediado na UFFS), inicialmente em um Seminário de Estudos Pós-Graduados da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), em Caxambu/MG em 2016, e mais recentemente em um Grupo de Trabalho no III Encontro Internacional de Estudos sobre Democracia, Participação e Públicas Públicas (III PDPP), em Vitória/ES no corrente ano.

Desse modo, esta edição reúne um conjunto de nove artigos elaborados por pesquisadores oriundos de universidades e centros de pesquisa diversos. Visando estimular sua leitura, dedicaremos nas linhas abaixo uma breve apresentação do material compilado.

O dossiê se inicia com a apresentação de três trabalhos centrados em reflexões teóricas que perpassam, entre outros, temas como autonomia, democracia, ação coletiva, capitalismo, modernidade e colonialismo. No artigo intitulado “Autonomia como fundamento da democratização da democracia: Algumas ferramentas teóricas do spinozismo”, a pesquisadora Thais Florencio Aguiar procura pensar o tema da autonomia como um conteúdo ético-político contíguo e indissociável do processo de radicalização da experiência democrática. Assim, visando contribuir com a constituição de um horizonte democrático mais robusto, substantivo, vibrante e autodeterminado, a autora busca trazer a lume as contribuições de Spinoza, pensador que inovou a filosofia política ao divisar a multidão não pelo caráter da sua passividade, mas

sim pela dimensão da sua potência constituinte.

Já em “Movimentos Sociais Contemporâneos e a democracia para além do estado: Hipóteses para o debate”, Cássio Brancaloneo e Rodrigo Chaves de Mello propõem duas hipóteses para pensar interfaces entre movimentos sociais e democracia na contemporaneidade. Ancorando suas reflexões sobre o atual circuito da indignação global, os autores se propõem a enfrentar um duplo problema, por um lado os significados e condições de possibilidade de constituição de um horizonte democrático erigido para além das fronteiras normativas e institucionais do Estado e do Capital, por outro, alguns entraves epistemológicos que operam com o poder de mantra na imaginação sociológica e política moderna, prisioneiras do estadocentrismo enquanto princípio ontológico de construção da ordem social.

Por seu turno, no artigo “Matriz abissal e lutas dos movimentos indígenas na América Latina/Abya Yala”, Maurício Hashizume tece um duplo movimento analítico. Inicialmente, dedica-se a apresentar a epopeia moderna como um avanço material e simbólico baseado na contiguidade entre capitalismo, colonialismo e patriarcalismo. Estabelecida esta relação que, em verdade, reconstrói e aponta para uma leitura crítica e desilusionista da modernidade, o autor, a partir do crivo da Matriz Abissal a proposta por Boaventura de Sousa Santos, empreendendo um esforço para compreender os processos de lutas contemporâneas levadas a cabo por movimentos indígenas na América Latina/Abya Yala no quadro analítico das chamadas epistemologias do Sul.

Na sequência, o dossiê prossegue com seis textos que recolhem pistas no seio de distintos sujeitos coletivos que animam alguns dos mais importantes movimentos sociais contemporâneos, em uma chave de leitura antissistêmica. Em “Cantões Curdos e caracóis zapatistas: Autonomia hoje”, Ana Paula Massadar Morel apresenta uma série de questões para refletir sobre como dois movimentos distintos e deflagrados em regiões distantes do globo não tem poupado esforços para encampar os horizontes da autonomia política e social no contexto atual. A partir de um trabalho de campo realizado pela pesquisadora em Chiapas, México, e de uma pesquisa bibliográfica sobre os eventos em Rojava, Curdistão, perscrutando o significado dos fenômenos de autogoverno presentes nos dois movimentos, Morel inspira-se na constatação do antropólogo francês Pierre Clastres de que sociedade não é sinônimo de Estado e de que pode existir não só sociedade sem Estado, mas contra o Estado. Angulado por este prisma, o trabalho reflete sobre algumas linhas de atuação dos referidos movimentos, especialmente no que tange à luta das mulheres, à

questão ecológica, à relação com os referenciais ideológicos e as dimensões de organização político-espacial que envolvem tanto os Caracóis Zapatistas quanto o Confederalismo Democrático curdo.

No artigo “Uma constelação de relações anticapitalistas no Sul do Brasil: Redes políticas e sociabilidades emergentes lidas desde uma antropologia anarquista”, Daniel Francisco de Bem, a partir do recurso à uma modalidade de etnografia militante, nos apresenta a constituição, os conflitos e os lugares de uma significativa rede de articulação e circulação de anarquistas do sul do Brasil, em especial no estado do Rio Grande do Sul. Sem estabelecer grandes fronteiras entre o pesquisador e o militante, o autor toma a sua própria trajetória no interior da cena anarquista gaúcha como fio não apenas para apresentá-la, mas também, através de sua experiência, para refletir sobre os condicionantes que efetivamente atuaram na configuração das singularidades desta rede ativista.

Em “Constituição e tendência do sujeito revolucionário: uma análise da relação especular fetichista entre anarquistas e comunistas nas jornadas de Junho”, Lara Sartorio Gonçalves traz ao primeiro plano o tratamento sobre as relações travadas entre os coletivos anarquistas e comunistas que tomaram as ruas do país durante as assim chamadas Jornadas de Junho de 2013. Sem descuidar de uma arqueologia teórica e histórica através da qual procura situar a região que cada uma destas correntes ocupou, por definição, no mosaico político da esquerda ao longo do último século, mobilizando uma metodologia que dialoga fronteiras entre sociologia e psicanálise. A autora examina como o cenário das mobilizações de 2013 terminou por atualizar as relações entre estes agrupamentos, abrindo zonas de tensões e diálogos que impactaram, sobremaneira, na rearticulação política de uma geração de jovens militantes no contexto subsequente às próprias Jornadas.

O artigo “*El movimiento de trabajadores desocupados de Bahia Blanca (Argentina) en el período 1995-2003: Un abordaje desde sus significantes socio-políticos*”, de Pablo Ariel Becher, objetiva compreender o sentidos da experiência vivida pelos sujeitos que se organizaram ao redor do Movimiento de Trabajadores Desocupados (MTD) no período de pico da ofensiva neoliberal sobre a Argentina. Fundamentando-se na história oral como aporte metodológico, o texto procura desvelar os significados operacionalizados pelos atores do movimiento para a compreensão de suas respectivas relações com a organização política, a ação coletiva e a formação identitária, demarcando diferenças com o mesmo processo de auto-organização levado à cabo pelos

MTDs no conurbano de Buenos Aires.

Em “Conflitos e pontes intergeracionais nas resistências feministas autonomistas translocais latino-americanas”, Laura França Martelo analisa a diversidade de propostas e práticas do feminismo jovem e autonomista que tem atravessado o campo de atuação política feminista. Através de pesquisas de campo e entrevistas realizadas em encontros e festivais deste universo ativista, a autora procura assinalar as continuidades e rupturas que o feminismo jovem e autonomista estabelece com relação aos repertórios mais tradicionais de atuação. Pensando os feminismos mais como um campo discursivo de ação – em que linguagens, sentidos e visões de mundo são parcialmente partilhados e quase sempre disputados – do que como um aglomerado de organizações estanques definidos em torno de problemáticas específicas, e lançando mão de uma abordagem translocal que conecta e dialoga diferentes geografias de poder, a autora procura evidenciar como o componente geracional afeta o tráfico de teorias e práticas, condicionando conflitos e alianças entre as feministas autonomistas latino-americanas.

Para finalizar, no artigo “Ativismo Identitário e Capital Subalterno”, Paulo Edgar Resende e Paulo Ornelas Rosa nos contemplam com uma profunda e necessária reflexão sobre os sentidos, limites e possibilidades apresentados pelo lócus identitário que cada vez mais tem pautado a ação de movimentos sociais e coletivos políticos contemporâneos. Cotejando dados obtidos através de uma pesquisa etnográfica com reflexões teóricas provenientes do campo pós-estruturalista, os autores apontam a um cenário no qual o fortalecimento do processo de segmentação identitária definir-se-ia na maioria das vezes na tensa e arriscada linha da produção de inclusão/exclusão, circuito gerador de desconfiança de todos aqueles que, ao não portarem o “capital subalterno” que define o traço identitário, não se enquadram no “lugar de fala” de cada segmento. Com isso, apesar de se guiar em horizontes libertários, o ativismo identitário flertaria, perigosamente, com móveis autoritários.

Desejamos a todos uma boa leitura!

Cassio Brancaleone e Rodrigo Chaves de Mello
Organizadores do Dossiê